



Quinzenário humorístico e literário

Guimarães, 13 de Junho de 1915

AO PÚBLICO

A direcção deste jornal, tem a subida honra de comunicar aos seus leitores e dignos assinantes, que terminando com este número o seu primeiro semestre, aparecerá no próximo número bastante melhorado e belamente colaborado, cujas secções serão:

Da tribuna; Gazetilha; Farpas; De todos; Secção Alegre; Politiquices; Para meninas; No Kine (fotogravuras); Vida Alegre (caricaturas); Por um centavo; Tudo ri, canta e dança; Panoramas; Secção literária, de Vizela; das Taipas

Colaboração escolhida dos principaes publicistas.

Dirigir toda a correspondência para a

Redacção e administração, Rua Egas Moniz n.º 11—GUIMARÃES

ELEIÇÕES

Diz-me o amigo Serapanta num jato de eloquência postila para eu anotar no role da roupa suja, que o país vai fazer falar, hoje, as urnas, como se o supracitado país tivesse o poder de Edisson que fês falar uma caixa quadrangular por um funil!

Não creio serenamente que as urnas falem, mas serenamente creio que lhe encham o recetáculo de papelinhos com nomes de reclame à opinião pública e de negacias ao diploma de 3:333, serenamente falando, e com o que serenamente aos pais da Pátria, muito amada, devem entrar nos Passos Perdidos, onde serenamente julgaram o povo de bom comer.

Vai por aí uma azafama diabólica entre verdes, vermelhos, sotainas e carolas, no intuito diabólico de mostrarem diabólicamente aos basbaques a superioridade da sua fazenda, a inalterabilidade da sua côr.

Esperanças saltam no verde, justos no vermelho, palermas na sotaina e potricas na carola, sem falar nas criadas das voltas que dão voltas difíceis e perigosas, para votarem, difíceis e perigosas no carinho molestado dos seus volteadores, escondidos cautelosamente nas preguinhas caprichosas dos seus aventais de folharecos...

As criadas das compras também diz o amigo Separanta que, por sua vez, vão abrir a urna à votação gosofila da gente armada de sabre e pistolêta terrível, sedenta, danada, capaz de, no primeiro embate, despejar o burnal em que levarem as munições, isto por sua vez ficarem depois à prova de

gorduras e caldos de galinha. Esta eleição sôbre ser renhidíssima é estenuante, passa diabo!

Havia uma fôrça, um pouco respeitavel, que, hesitante, marcava passo no mesmo terreno, mas, retemperada com a larga folga que lhe foi dada, vai também retemperada entrar em fôgo. E' a gente de balcão com pesos, medidas, tesouras, metros e mais coisas e tal.

A' vós de—estender!—correm aos lados em *marche, marche*, ajoelha ali, deita acolá, tomando posições ocultas para se defendem dos... *agulheiros* que nas avançadas inimigas se *desarrollam*, rindo estrondosamente, gargalhando bradam: — Cá estamos! Cá estamos!

Rompe o fôgo. Com seis centos milhões de diabos, o que aí vai! O' pai da vida! Gritos abafados, picadelas ardentes, arranhaduras sensíveis, quedas fofosas e desmaios suavíssimos.

Fôgo! Fôgo!

Venham as bombas, venha a policia, venha a guarda republicana, acudam, acudam. O senhor esguicha para aquêl A, vocemecê espeta naquêl O e você pode atirar para aquêl Q que tem a mesma figuração.

Alto! Alto! não é preciso, toca a cessar fôgo.

Todos se levantam alegres, satisfeitos, ageitando a compostura dos fatos, os penteados dos cabelos, batendo depois em retirada, em ordem dispersa, cantando alegremente o 31 que foi bom ponto. Quem ficou vitorioso?

Todos, porque todos estes trabalharam com o mesmo ardor. E' precisamente o que vai succeder.

FERRABRAZ.

ALVORADAS

Rompe alvorada.
Os passarinhos,
Saem dos ninhos.
Em revoada,

Cantarolando:
E pelo espaço,
Num doce abraço
Vão-se beijando.

E na campina.
Ao romper d'alva,
Com doce calma,
Abre a bonina,

Mimosa fiôr,
Roubando á rosa,
Fresca e viçosa
O seu odor.

De manhã, chora,
A creancinha.
Sua mãesinha,
Que muito a adora,

Para a calar,
Levando-a ao seio,
Num doce enleio,
Põe-se a cantar.

Guimarães

LUÍS TEIXEIRA JACINTO.

Sondres em Guimarães

Quiz o nosso amigo Ernesto de Vasconcelos, ter a amabilidade de nos convidar a assistir à inauguração do seu estabelecimento que é de facto,—modelar. Como os nossos colegas rabiscadores, lá fomos admirar as belas exposições e os soberbos artigos do nosso amigo, que prima pelo bom gosto e fino artigo.

Rima!

Tudo ali é bom. E pena temos de não podermos, adquirir uma nova capa para *O Espião* que se tem visto algo atrapalhado para aturar o inverno.

Mas, já agora que estamos numa quadra de calor, vamos ver se conseguimos escapar ao gasto de um par de patacos; incutindo no entanto no espirito do nosso Zé, a fineza de não esquecer o amigo *Vas com grelos* que merece o ajudem, visto querer colocar esta laboriosa cidade a par com as principais capitais do velho e altaneiro Portugal.

Receba pois, as nossas saudações e agradecimentos pelas duas taças do *belo dio champagne*, e se algum dia fizer nova inauguração peço não esqueça cá o periódico porque apesar de fraquinho aprecia como os outros. E' também casado e vacinado.

Um Xi apertado muito fato e muita maça.

Nós todos.

Eleições

(AO POVO)

João Baptista, enviado extraordinário das regiões etérias do Nada, Imperador do Além, proprietário de tudo quanto existe no Vaco e no Incompreensível e Senhor Supremo do Vago—recomenda, encarecidamente, neste dia bexigueiro de eleições de há muito corrompidas pelo atrevido caciquismo e pelas vergonhosas scenas e descatos originados por o célebre carneiro com batatas ou sem elas e por o grande número de pipas abertas, a todas as pessoas que devem ir às urnas e eleger António das Raparigas, o António que por diversas vezes partiu cântaros, caçarolas e potes nas fontes, proposto a Candidato pelo circulo n.º 3444, que abrange—Terras da Bexigueira e da Folia.

Mais: é do conhecimento de todos que António é um grande orador e não intuijão como esses tira-dentes que vagueiam perdidamente pelas feiras e romarias: António, carácter lídimo e sólido, homem de enciclopédico saber, inteligência homérica e demosténica; proprietário, industrial afamado com fábricas de palitos e rôlhas: cidadão honrado e respeitado: científico moderno e escrivão apaziguador—espera que vós, ó povo!—o elejais deputado pelo circulo 3444.

Eleger um democrático, um Zé Lunático, um Camacho ou um Sacristião—é um crime que mais tarde a constituição condenará.

Por isso, João Baptista, chefe superior das regiões etérias do Nada, Imperador do Além, etc., etc., esperando ser atendido, desde já mui reconhecido agradece ao povo soberano deste infernal e incompreensível país de cérebros adoentados.

TELEGRAMA

«O comandante do pôsto da guarda republicana, de Vieira, deixa de patrulhar a feira de Rossas para patrulhar as festinhas e arratais que lhe possam render... ó Ana, ó Rita.

Pedimos ao «Espião» que espie este caso.

Fagóote

Pois sr. Fagóote vá tocando no instrumento que lhe dá o nome as suas impressões, que nós cá as vamos registando.

A Redacção.

AUTÓPSIA

Ao ilustre poeta

«Eu amo a crítica rija
E o meu fim é corrigir
Se não há quem se corrija
Ninguém possa coagir».

Corrêa de Almeida

Reparou alguém, na maneira violenta, como critiquei no passado número, os versos duma creatura que se arvorou em poeta, e lançou para a luz da publicidade, uns sonetos tóscos, mal amanhados e sobretudo carregadíssimos de erros.

Toda aquela lhana coisa, que a creatura Rolando fêz publicar, estou por certo que não merecia dois dêdos de português limpo. Por isso, se a crítica fôsse mordaz, e cheia de flôres de retórica, creio bem que o mesmo sr. julgaria que eu o estava elogiando—longe vá o agoiro.

Uma creatura que escreve—*Supultura, Cinamatógrafo, traste, murrer, hurripilante, dilaterio, tus etc. etc.*... não pode, nem deve receber uma crítica com palavras lindas e sobretudo bela.

Se essa pessoa, ignora como se escreve e ignora a verdadeira etymologia das palavras, estou convicto que seria o mesmo que lançar pérolas a porcos e por conseguinte um trabalho, vão inútil.

Só assim, só procurando um pouco de asneira—que é o seu pedestal—conseguirei que êsse vá de modestia—infeliz, deixe de praticar as asneiras que pratica, e conseguirá emendar-se, isto é: primeiro o estudo, depois o trabalho dêsse estudo:

E' um verdadeiro antípodo sem consciência do que faz nem do que escreve.

O leitor se quizer ter um pouco de trabalho procure on.º 1 d'êste jornal e veja como êle próprio se acusa.

Não posso recordar neste momento de tudo, mas creio que deve sêr na 2.ª página a linhas não sei quantas.

O título é o seguinte—*Na ronda*.

Entre outros erros crassos, há por exemplo estes dois—«Eu envolto na minha capa...! *rastejando*» e mais abaixo... «... o meu craneo ôco».

Reparem, meditem e digam-me se encontram outro *réptil* que mais asneiras *rasteje* por diferentes jornais.

E há redatores que publicam toda a casta de porcarias! A êstes não lhe chamo redatores! Chamo-lhe burradores de imbecilidades e assassinos de português.

Fazem da pena o uso da navalha de ponta e mola.—Desvastam, não cultivam. E é com a sua autoridade que esta creatura vegeta e continua. E por hoje basta não posso perder tempo.

Vou assistir a um parto.

DR. XABREGAS.

P. S. O Redactor actual nada tem com o existente naquela data.

DR. X.

INSTANTÂNEOS

—Quem é que por não se publicar uns versos deu uma formidável *casca*, tencionando, segundo corre, explodir cá na redacção com um petardo?
—E' o Paulo Eduardo.

—Quem é que para fazer *fitas* tem muita habilidade quando, ao desafio, toca o seu *cavaquinho*?
—E' o Bi... gui... nho...

—Quem é que nos cumprimentos ao nosso director se mostra muito galantesinho?
—E' o Xôr Rolandinho.

—Quem é que a perseguir certa menina parece um brasileiro *Pancrácio*?
—E' o Inácio.

—Quem é que gosta da A... por ela ser muito ladina?
—E' o Manequinha Pina.

—Quem é que para a rua de D. João I, faz um constante *carreiro*?
—E' o J. Cabreiro.

—Quem é que com a sua voz de menina continua ali p'ra rua de Santa Maria com os seus amares?
—E' o pequenino Tavares.

—Quem é que faz um figurão quando veste o seu fraquinho?
—E' o sr. Tomasinho.

—Quem é que diz ter muito dinheiro e, afinal, nem vintem se lhe encontra?
—E' o Bilontra.

—Quem é que sofreu as consequências que o automobilismo arrosta?
—Foi o A. Costa.

—Quem é que a coser pega com elegância na agulha?
—E' a Maria Bulha.

—Quem é que estreitou uns chininhos novinhos e muito lindinhos e para servir os freguêses tem uma cara de menina?
—E' a Albertina.

—Quem é que o seu corpo vão pôr no seguro com medo de os introduzir numa prisão?
—E' cá o pessoal do *Espião*.

—Quem é que por ser apupado no teatro estava como as cobras?
—Foi o Alfredinho Sobras.

—Quem é que é cá na parvónia é o homem mais apilarado?
—E' o Pimenta Machado.

—A quem é que êle chateia com amidadas cartinhas?
—E' a filha do João das Dou... trinas.

—Quem é que por ser muito *gorducha* tem um belo coração?
—E' a D. Maria Ascensão.

—Quem é que deu bastante sorte por nós descobrirmos o seu paradeirinho?
—Foi o P. Albertinho.

—Quem é que a fazer «fitas» de noite incomoda os vizinhos

pois em todas elas até mete horror?

E' o nosso *fidalguiinho* Zé Ferrador.

—Quem é que diz fazer queixa a alguém se se dissesse que em toda a parte dormia?
—E' a L. Maria.

A Patrulha

Acabavam de bater fortemente as doze badaladas compassadas da meia noite no relógio oficial da cidade, quando eu, *Espião*, de boné enterrado na cabeça, capa aos ombros com a gola levantada para me tornar desconhecido e lanterna em foco, saía de casa a passos vagarosos e lentos com a disposição de percorrer as ruas mais suspeitas da cidade para informar o jornal de que sou emissário.

No Passeio encontro um homem deitado num banco naturalmente a dormir com o fumo do alcool e mais adiante, num dos passeios adjacentes ao D. Afonso, dois indivíduos muito cotados na terra conversam serenamente e de vez em quando ouve-se o bater na calçada das patas dos cavalos da ronda da Guarda Nacional que se vem aproximando.

Começo a maldizer a minha sorte e a hora em que eu saí de casa, pois que nenhum daqueles assuntos me parecia palpitante e de interesse para a sua publicação no meu jornal, e subo a Rua da República quando ouço gritos aflitivos que veem do cimo da rua e chegam até mim. Para lá me dirijo, bato a porta, abrem e sou então recebido pelo sr. *Sobras, cavalheiro de certa respeitabilidade*, a quem desfechamos esta pergunta:

—Então o que houve? que se passa?

—Pois não sabe? O *Tónio*, aquele gato de lindo pêlo e orelhas arrebitadas de que já lhe falei e que eu canto no meu poema «Horas Mortas...» aquele que todos os dias ia ao meu quarto despertat-me do sono matutino acaba de falecer.

—Então que pensa fazer-lhe?
—Vou mandar fazer o caixão e mais tarde lhe construirei um jazigo para que sirva de memória aos vindouros e assim presto homenagem ao morto.

Como não era aquele assunto que eu procurava, despeço-me da *ilustre personalidade* e saio daquela casa enlutada continuando na ronda para informar os leitores do jornal de que sou agente.

Sigo pelo Largo da Oliveira e ao dobrar uma esquina esbarro-me com o intrépido director do «Melro» e nôvel poeta Leão Martins. Trocados os pedidos de desculpa, entabulamos conversa que durou algum tempo. Versou sobre literatura e como batessem as 3 horas e meia no relógio da Colegiada; despede-se de mim dizendo que ia seguir a Braga para ver o adiamento do seu livro de versos «*Musa Vil*» a aparecer brevemente, e cujas provas já estão revistas, e convida-me para eu o acompanhar até lá. Agradeço e não aceito por não mo permitir o meu mister, e assim, apertando-me a mão, retira-se.

Ainda não me pareceu de grande interesse êste assunto. Que azar! Maldita sina a dum redactor dum jornal que deseja bem informar os seus leitores sem ter assunto que a isso se preste!

Passa a patrulha da Guarda Republicana e eu seguindo-a de longe, conduzo-me pelo Largo 1.º de Maio, Rua de S. Dâmaso e Passeio da Independência onde em frente das instalações, inauguradas há pouco, do «Londres em Guimarães» deparo com Luis Jacinto e Rolando que discutem azedamente. Extraño encontrá-los áquela hora mas não os interrompo, suspeitando no entanto que falam sobre o escrito publicado por aquêles, no ultimo número do «*Espião*» contra êste. Paro próximo do quiosque para escutar alguma coisa e então reconheço que assunto da conversa era êsse. Por ali me demorei algum tempo até que lobrigando uns vultos perto do «High-Life» que tomavam a direcção da Porta da Vila, ponho a lanterna em foco e vejo que são alguns eleitores que acompanhados de dois padres vinham dar o seu voto aos futuros representantes de cristo no... parlamento.

Como começava a amanhecer, apaguei a lanterna, embucei-me na capa, e com receio de ser seguido por algum *cuco*, dirigi-me a passos rápidos para casa para transmitir ao papel as impressões da minha ronda, recolhendo depois a *vale de... lençois*.

ESPIÃO.

O que se observa do monóculo do Sr. Doitor

O insigne monoculista de *O Melro* quiz morder-me. é hábito. Duvido que estivesse em perfeito juizo; mas a ser certo, considero-o desde hoje em diante, mais um novo parvo, que vem ocupar um lugar de destaque na minha galeria de imbecis.

Principia por asneirar nos seus insípidos *sueños*.

Coisa que qualquer petiz de primeiras letras faz sem errar, o *ilustre monoculista aluno do 5.º ano do liceu*, inutiliza numa oração, a *concordância*, pontapeando o português. E quer êste crítico sujar a minha dignidade!...

Nunca como Vossa sapiência bebi o nevado leite das rosadas e succulentas tetas de Minerva—o que deveras me orgulho porque, na minha restrita illustração prescindindo das preleções balofas de tão insigne altista luminar.

E agora receba esta lição—se me dá licença—

Para se criticar são preciso factos.

Agora se as bases são flexíveis, avance e rasgue a mascara, mas tenha o cuidado de não reparar no *argueiro do olho do visinho* e ver a tranca nos seus olhos.

Que lhe perdõe o adágio, *po-bresinho!!!*

Ab uno disce omnes.

DR. X.

O ESPIÃO vende-se no Quiosque do sr. Torquato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

Carta aberta

ao sr. J. T. Alves (Rolando)

(poeta dos ais)

Tenho lido bastantes versos teus e todos eles me parecem mais do Maduro de Atães, do que de quem tem alguma fama cá na parvónia, como tu e que é tam elogiado por indivíduos que nada percebem do riscado, como costuma dizer-se. E' calinada sobre calinada, asneira sobre asneira e estupidez acima de tudo.

Lê o soneto publicado no n.º 5 do quinzenário piadístico «O Melro» e francamente, extranho bastante que haja quem traga para público porcarias dessas.

Mas a culpa não é tua, mas sim das redacções desses jornais que aceitam e publicam quanta bacorada esguichas cá para fóra. Todos os teus versos são ócos de sentido, com palavras muito bonitas e de que as mais das vezes não conhecemos o significado porque se o conhecemos com certeza não as empregarias.

Não teem gramática, acentuação, consonância, cadência, nada.

E' uma perfeita nulidade. Quanto á medição, isso é de fugir camaradinho; se há versos que teem falta de sílabas, lá arranjas a encaixar um *ai* e assim as completas.

Tenho lido muita asneira tua; mas em nenhuma falta o maldito *ai*. Naturalmente padeces de alguma doença hemorroidal de que és acometido quando estás a vomitar toda essa porcaria que o teu cérebro guarda e então gemes e escreves a interjeição que proferes. Se em vez de *ai*, proferisses *ui*, escreverias *ui* e não *ai*.

Mas eu sei, caro poeta; essa interjeição é a fuga de todos os poetas asnáticos e calinos como tu, que em vez de se dedicar á venda de pós *keating*, querem matar o tempo a fazer versos querendo fazer-se passar por poeta, quando afinal eu sei que há bocados de versos que eu conheço como pertença de outros autores e que tu plagias, tentando assim enganar os incautos.

Deixa-te disso porque tu do que és não passas e para isso não urge que sejas poeta.

A quem foste roubar o estro? Naturalmente ao Maduro de Atães!... Acredito que assim succedesse porque tu fazes a medição a compasso como ele, e portanto adoptas o processo por ele adoptado!

Em ti só prevalece a ignorância e a estupidez!

Estro e poesia são roubados e tanto que tu encobres-te sob um pseudónimo que quasi sempre acoberta um plagiato.

Abandona essa idéa e estuda, lê, medita e depois escreve, mas antes de os dares á luz, mostra-os a pessoa mais autorizada do que tu e que conheça alguma coisa do assunto (e digo alguma coisa porque tu nada conheces). Isto não é querer-te mal, isto é o melhor que te posso fazer para chegares a ser alguém, porque tu ultrapassas em asneira o poeta mais reles que exista.

O que é para admirar é que jornais tam bem redigidos como «O Melro» que teem na sua redacção um poeta de nomeada, como é o nosso amigo, Leão Martins, consinta na publicação de tais burricadas que mais parecem vomitadas por um carroceiro do que pelo que se diz seu autor.

Eu só quero que me digas porque tu, em vez de escreveres quadras ou outra espécie de poesia, comesas por sonetos, por onde deves acabar?

E' enigma que para mim não tem decifração. Quasi todos os poetas novos começam pelo que lhes é mais fácil, e que portanto menos lhes custa a fazer, e chegam a dar alguma coisa; tu, que és uma alimária nunca tens de sair da cepa torta.

E és tu que queres publicar um livro?!!!

Quem é o indivíduo que depois da constante critica que aqui lhe começo hoje a fazer, ainda pensa na publicação de livros?!

Só se fores tu, cuja ignorância é tam crassa que é capaz de te levar a afirmar que isto que aqui digo é um elogio que te dou.

Mas eu creio que elogios só de quem lór tam esperto como tu é que os poderás receber, ou então elogiando-te a ti próprio como fizeste em tempos no *Espião* em duas colunas de desatavia-

da prosa e que intituiaste «Na ronda» firmando-a com o pseudónimo de «Jaquim». Não será verdade? Creio-te incapaz de negar.

Mas voltando ao assunto vou-te apresentar um soneto, que é talvez a melhor produção que tem aparecido no género, e que foi publicado no dia 6 de Março do ano corrente no semanário «Justiça de Fafe», para te mostrar toda a burrice que elle encerra e que desejo seja do conhecimento de todos. Intitula-se «Fonte da Saudade» e resa assim:

«Fui junto á fonte onde em outros tempos ia
Embalar risonho, castos sonhos ledos:
Chamava-lhe a fonte só dos meus segredos,
E minh'alma junto a ela adormecia!

Gruta abençoada onde a fonte nascia
Ermo abandonado entre os arvoredos,
Onde os passarinhos trilavam enlevos,
Hinos de saudade, canções d'allegria!

C'o volver do tempo tudo achei mudado:

A ditosa fonte já tinha secado.
E calado seu tranqüilo murmurar!...

Ai! hoje que volto triste e alquebrado,
Contigo chorar, meus sonhos do passado,
Já não podes minhas máguas escutar!

Do livro inédito «Baladas da Solidão»

Rolando

A 1.ª quadra mostra que o poeta nunca teve sede o que é raro—«fonte só dos meus segredos; embalar castos sonhos ledos» não está mal, mas se fosse embalar meninos (e elle há tantos!) seria melhor: o sr. Rolando, por exemplo, é um menino do coro em literatura. Concorde ou não? e para prova lá surge um *ai!* no principio dum terceto *Ai!* (que susto mana!) naturalmente quando estava a escrever o soneto, a luz do sr. Jordão apagou-se e depois... deu um gritinho. As crianças são timidas e por isso choram com medo que o «papão» venha.

«E minh'alma junto a ela adormecia. Talvez seja engano: o corpo adormeceria se estivesse fatigado: o sono provoca isso...

Só de lê-lo estou também com sono. A 2.ª quadra é a mais «poética»: um abraço de felicitações.

Por nascer a «fonte» (era um repuch, jacto ou chafariz?) a «gruta ficou abençoada e mais o «Ermo abandonado entre os arvoredos».

Bem: você, antes de ser poeta (quer a palayra escrita com 'P grande ou pequeno?) também é investigador célebre: acompanhado da sua alta capacidade, um dia (foi de tarde ou manhã?), descobriu um «ermo» (reparem) «abandonado» (reparem) «entre os arvoredos» (reparem) «onde os passarinhos trilavam enlevos» que bela rima! enlevos com arvoredos! que melodia! «hinos, canções», etc., etc.

C'o volver do tempo tudo achei mudado, que pena! e lá se foi a descoberta! que infelicidade! pobre «poeta!» «secou-se a fonte» e jámais naquele «ermo abandonado entre os arvoredos» se ouviu «o seu tranqüilo murmurar calado.»

Que tristesa! «*Ai!* podia ser um *ui!* aprofundava mais a dor e dilacerava a alma adormecida...

Pobre fonte! E o poeta lá vai... lá vai... contigo chorar, mas tu, fonte, já não podes minhas máguas escutar... e como estás sêca nesse ermo abandonado, adeus o fonte predilecta, adeus p'ra nunca mais.

Você sempre me saiu um sentimentalista... piegas!...

O verso—«Ermo» etc. está errado, falta-lhe uma sílaba; «inédito» não se escreve assim, mas inédito; «Baladas da Solidão» é asneira porque na «Solidão» ninguém canta e o último soneto não está escrito em português mas talvez em... chinês.

Vizela, 28—5—915.

PROLOMÉU

Impossíveis

Haver dinheiro cá na casa.

—Os colarinhos do sr. Godinho não o incomodarem para recitar a poesia —Aos pobres—

—S. Ex.ª se fosse ao palco não receber fartos aplausos.

—A cabeleira do Sóbras não lhe sujar os diplomatas

—O La Croix comer carne á sexta-feira

O Zéquina Amaral querer passeios de moto.

AVISO

Na administração deste jornal recebem-se, desde já, anúncios para o número especial a sair por ocasião das **Festas Gualterianas**, o qual é dedicado á cidade de Guimarães. O encarregado dos anúncios é o sr. José Francisco da Costa Guimarães.

E' cobrador do nosso jornal na cidade o sr. Simão da Rocha, a quem os nossos presados assinantes podem satisfazer as importâncias das respectivas assinaturas.

Prevenimos os nossos estimados assinantes que de ora avante não satisfaçam os pagamentos dos recibos sem verificarem nas costas dos mesmos a chancela monograma **A. D.**

Declaração

Luis Teixeira declara que nada tem com o actual editor do *Melro* que usa o mesmo nome.

Respigos

O aspirante a deputado cónego Zé, afirma numa declaração que faz ao público vimaranense, que numa pequena viagem a Ruivães e Vieira ao voltar a casa diz que teve «de repousar toda a quarta feira em Braga por imposição médica».

«Na quinta feita lá se arrastou como pôde até Guimarães e recolheu a casa, mais lhe apeteceu o hospital».

Camaradinho, se tiver de fazer uma viagem daqui ao Parlamento, quando lá chegar, não chega a abrir bico, é um ar que lhe dá, vai com certeza bater ao alto de S. João.

CORRE

Que os caixeiros são os que gosam.

—Que os patrões granjaram mas não arranjaram nada.

—Que o Sobras rapou a pinha.

—Que o mesmo no domingo escachava de penante na mão a fumadeira no canto da bôca.

—Que o Manequina Guize afim de introduzir a moda tambem rapou a tola.

—Que os babões não passaram a casa á Bela Asturianita.

—Que o Tomasinho e o Trepinha foram jantar ao Zé Maria

por causa das Belas mas elas não lhe ligaram importância.

—Que o Matos do Registo meteu figura no Teatro cantando o *Caraboo*.

—Que parecia mesmo uma cana rachada.

—Que o Castrinho da Minerva ficou como a pele dos... tomates quando a Bela lhe chamou *Manólo*.

—Que os caixeiros agora até parecem guardas nocturnos.

—Que o dono da Eléctrica é que deu o triste pio com isto.

—Que lhe entra pelas algébias dentro que não é brinquedo.

—Que o rei da Grécia propõe-se candidato a deputado por Infias, Oleiros e Pentieiros.

—Que já regressou de Espanha o general Moca, com sua idolatrada esposa.

—Que S. Ex.ª fês lá um figurão.

—Que o P. Garcia no dia em que foi demitido de director do Internato, exclamou: «Lá foram as minhas esperanças!»

—Que nesse mesmo dia o porteiro lhe arrancou os galões de mandão na presença de toda a comitiva.

—Que a sua vida agora se limita a simples copeiro.

—Que isto é o que se murmurava por aí.

—Que o Rafael e o secretário pousaram socialisticamente falando no copo do orador.

—Que existe uma casa de azeite puto ali para a Avenida Velha de Buiça Descarado.

—Que o P. Machado deixou de efectuar os seus amudados passeios pelo largo da Oliveira, mostrando assim que deixa de corresponder aos galanteios duma invejável menina.

—Que a citada pequena, tencionna retirar da parvónia, para não sentir o choque do abandono.

—Que, uma solteirona do largo da Oliveira, que se diz tia da desventurada menina, já prometeu dois patacos de rêlo ao milagroso Santo António se ele voltar a apasiguar os 2 pombinhos.

—Que no próximo número serão publicados diversos documentos que compromete uma dama muito cotada cá no burgo.

—Que o portador desses curiosos documentos é o B. Marinho.

—Que não serão publicados já por haver abundância de original.

—Que um guarda da briosa corporação policial cá da cidade, vai cortar a sua assinatura do «Trabalho de Guimarães», por este não lhe dar *lustro* pela ocasião dos últimos acontecimentos. Pró que lhe havia de dar!

—Que o mesmo guarda, apon-ta como feitos heróicos o guardar mortos, pegar á maca, fugir ás *vonvas*, etc.

Fricções mercuriais

Dadas com todo o cuidado, pela longa prática que adquiriu em Vizela, encarrega-se

José de Almeida Caldas,

Rua Egas Moniz, 79, antiga Rua Nova do Comércio.

No seu género a casa «Londres em Guimarães» é a que mais sortido tem e melhores artigos vende. Corte inglês, sistema MINISTER'S

Loja de Sola

— DE —

Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortido em sola, cabedais e miudezas próprios para sapatarias.
Artigos de luxo para calçado.
Grande sortido em fivelas e aperta-lacos para senhora e criança.
Exportação de calçado e depósito de malas de chapa e couro.
Preços baratíssimos.

13, Rua de S. Dâmaso, 15 — GUIMARÃES

BOLACHA INGLESA

— DE —

Hutley, & Palmers, Grawford's Carr's e Peek Frean & C.^{as}

MANUEL JOAQUIM DA CUNHA & MENEZES

Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

Massas alimenticias nacionais e estrangeiras

CHAMPAGNE E CONSERVAS

MERCEARIA---CONFEITARIA

Oficina e Depósito de Calçado

— DE —

SERAFIM DA ROCHA

DEPÓSITO:

Rua Egas Moniz (antiga Rua Nova do Comércio)

Nesta casa fabricam-se calçado de sola e tamancos de todas as qualidades.

Ao guarda-sol elegante

Depósito de guardasóis e bengalas

154, Rua da República, 160

GUIMARÃES

João Carlos Vieira de Andrade previne os seus amigos que acaba de tomar de trespasse a antiga e conhecida casa dos guardasóis, estabelecida há longos anos na antiga Rua da Rainha.

Neste estabelecimento encontrarão sempre grande sortido de guardasóis e bengalas, por preços convidativos.

Também continua a encarregar-se de todos os concertos de guardasóis, desde o mais simples ao mais dedicado que apareça, tudo por preços sem competencia.

Uma visita ao estabelecimento, a titulo de experiência, será o suficiente para se certificarem da verdade do que fica dito.

MERCEARIA E CONFEITARIA ANDRADE

32, Largo da Oliveira, 33

Guimarães

Virgílio Vieira de Andrade participa a todos os seus amigos e aos fregueses habituais da casa, que acaba de tomar de trespasse, a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.^a qualidade, e de confeitaria, como: sônhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo sistema de Margaride, frutas sêcas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a máxima perfeição e aceio.

Preços convidativos.

A Flôr de Guimarães Mercearia e Confeitaria

DE

Ribeiro & Sobrinho

Especialidade em chá, café e azeite.

Nêste novo estabelecimento, situado no Largo da Oliveira, n.º 14, 15 e 16, encontra-se à venda todos os artigos de mercearia tais como arroz, assúcar, bacalhau, massas alimenticias, bolachas, vinhos finos. Café moido à vista do freguês desde 550 reis a 900 reis o kilo. Azeite de fua qualidade a 140 e 150 o meio litro. Uma visita à FLOR DE GUIMARÃES

COSTA COLCHOEIRO

RUA EGAS MONIZ, 11—GUIMARÃES

Executa com perfeição e rapidez todos os trabalhos que digam respeito à arte de colchoaria. Também se encarrega da colocação de cortinas e toldos.

Preços módicos.

O ESPIÃO

Publicação quinzenal

I ANO

O ESPIÃO

NUM. 12

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Trimestre 12 centavos (120 rs.)

Pelo correio aumenta 3 centavos (30 rs.) para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e com., linha 4 cent. (40 rs.)

Repetição, linha 2 » (20 »)

Anúncios não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Ex.^{mo} Sr.